

O PECADO HEREDITÁRIO NA VISÃO DE SANTO AGOSTINHO E TOMÁS DE AQUINO

The hereditary sin in Saint Augustine and Thomas Aquinas

Gesiel Anacleto¹

Resumo: A temática acerca do pecado esteve sempre presente nas discussões teológicas da igreja. O conceito de pecado original ou hereditário foi motivo de muitos estudos teológicos por parte daqueles que estavam interessados em discutir a problemática da pecaminosidade da raça humana. Desde os primórdios da igreja cristã, muitos teólogos se propuseram a estudar e a escrever sobre o assunto de maneira a dar uma resposta satisfatória sobre a origem e consequência do pecado. Na patrística, Agostinho, o principal representante deste período, fez várias referências ao pecado original, na tentativa de explicar o comportamento humano e sua relação com o pecado. Já no período da escolástica, Tomás de Aquino também deixou sua colaboração em torno do assunto. Essa pesquisa é bibliográfica e tem como objetivo principal apresentar duas diferentes concepções de pecado hereditário que foram amplamente discutidas na história da teologia cristã.

Palavras-chave: Pecado hereditário. Agostinho. Tomás de Aquino.

Abstract: The theme about sin has always been present in the theological discussions of the church. The concept of original or inherited sin was cause of many theological studies from those who were interested in discussing the issue of the sinfulness of the human race. From the earliest days of the Christian church, many theologians. They proposed to study and write about it in order to give a satisfactory answer about the origin and consequences of sin. In Augustine patristic, the main representative of this period made several references to original sin, in an attempt to explain human behavior and its relationship with sin. In the period of scholasticism, Aquinas also left his collaboration around issue. This research is literature and its main objective is to present two different hereditary sin of concepts that have been discussed extensively in the history of Christian theology.

Keywords: Hereditary sin. Augustine. Aquinas.

Introdução

O pecado é um tema que esteve presente em muitas discussões teológicas ao longo da história. Teólogos e filósofos cristãos discutiram a herança pecaminosa do homem e seu comportamento diante das tentações. Tais discussões renderam elaboradas teorias na tentativa de explicar a maldade existente no mundo como consequência do pecado de Adão. A temática e as discussões são, por natureza, muito amplas, sendo necessário um estudo mais delimitado do tema no sentido de elaborar uma síntese das ideias de determinado pensador. Dentre esses pensadores, podemos destacar dois dos maiores teólogos do cristianismo: Agostinho de Hipona e Tomás de Aquino.

No presente estudo, nos propomos a realizar uma reflexão sobre as principais contribuições desses teólogos no sentido de lançar luz sobre o assunto que despertou e ainda desperta interesse dos estudantes de teologia. A influência do platonismo sobre a formação teológica de Agostinho irá refletir em suas concepções sobre a pecaminosidade humana, enquanto que nas reflexões sobre a mesma temática, Tomás de Aquino é influenciado pela filosofia aristotélica.

O debate sobre este tema tem gerado muitas explicações e teses. Isso naturalmente permite que o campo de pesquisa seja ampliado cada vez mais. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é apresentar as diferentes concepções sobre o pecado hereditário e despertar o leitor

¹Mestre em Teologia. Docente do Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI. Rodovia BR 470, Km 71, nº 1.040, Bairro Benedito. Caixa Postal 191. CEP 89130-000 – Indaial/SC. Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090. Site: www.uniasselvi.com.br

para reflexões mais aprofundadas, que lhe permitirão formar uma opinião sobre o tema a partir do conhecimento daquilo que já foi produzido ao longo da história da teologia cristã.

Agostinho: o representante da ideia patrística do pecado hereditário

A patrística foi um período da Igreja muito fecundo na produção das primeiras noções de teologia. Os padres dedicaram-se profundamente na difusão do ensino das escrituras, que iam desde os sermões até os escritos mais importantes do cristianismo. Neste período da história da Igreja, um dos pensadores de maior envergadura intelectual e expressão foi Agostinho de Hipona, que desenvolveu seu conceito de pecado hereditário. De acordo com Paul Ricoeur (2008, p. 14), “É Agostinho o responsável pela elaboração clássica do conceito de pecado original e da sua introdução no depósito dogmático da Igreja, sobre um pé de igualdade com a cristologia, como um capítulo da doutrina da graça”. A principal característica da filosofia patrística foi seu caráter apologético, uma defesa sistemática da fé cristã. É necessário ressaltar que o filósofo grego Platão influenciou de maneira direta e profunda a teologia patrística, mais precisamente a teologia agostiniana.

A ideia platônica da existência de um mundo sensível e o mundo das ideias resultou na concepção agostiniana do mundo físico e o espiritual, a cidade dos homens e a cidade de Deus. Tal entendimento acerca da existência de um mundo espiritual onde Deus habita teve influência na maneira como Agostinho entende a questão da pecaminosidade.

Ao traçar um paralelo entre as virtudes do Reino de Deus e as atitudes dos homens frente à realidade da vida, podemos perceber que Agostinho entendia que o homem, estando à parte de Deus, suas atitudes sempre estarão em constante declínio. O único remédio, aponta Agostinho, consiste no fato de o homem reconhecer sua pecaminosidade e buscar o perdão e graça de Deus por meio de Jesus Cristo. Todavia, o ser humano é muito orgulhoso para isso, pois confia que tem condições suficientes de alcançar a salvação pelos seus próprios méritos. Nesse sentido, Agostinho entende o pecado de uma maneira bastante peculiar.

De acordo com Strong (2003), Agostinho sustentava que a essência do pecado é o orgulho. Nessa mesma linha, Maldamé (2013, p. 63), escreve que “Agostinho situa a raiz do pecado não na carne, mas no orgulho, que é um produto do espírito”. Isso nos leva a entender que o pecado possui uma raiz ontológica, é um elemento constituinte daquilo que há de mais profundo no homem.

A questão do pecado não é algo que possa ser extirpado com uma intervenção cirúrgica, como se fosse um tumor ou algo do gênero, que está alojado na carne no sentido físico. A ideia de Agostinho de que o homem não pode salvar-se por si só se refere ao fato de que o pecado está ligado diretamente ao espírito, e não há outra maneira de lidar com o pecado a não ser entregando-se aos cuidados de Cristo, que Ele pode curar o homem de sua doença espiritual. É importante observar que, para Agostinho chegar a esta conclusão, ele parte do relato de Gênesis, pois ele entende da seguinte maneira:

A serpente diz à mulher: ‘Vocês não vão morrer de morte’. Como poderiam tais palavras persuadir a mulher de que Deus, pela proibição, privava-os de uma coisa boa e útil se a serpente não houvesse já insinuado nos seus corações esse apego ao próprio poder e uma espécie de presunção orgulhosa de si mesmos, que essa tentação deveria denunciar e humilhar? (AGOSTINHO IX, XXX, p. 39, apud MALDAMÉ, 2013, p. 63).

Se observarmos bem, a única coisa que inibia a mulher de comer do fruto era o medo da morte, a partir do momento que ela toma conhecimento que se comesse do fruto se tornaria como Deus, seus olhos saltaram sobre esta possibilidade. O desejo arrogante pela posse de um atributo divino se materializou em sua atitude ao comer do fruto proibido. Essa ideia irá permear toda a concepção de Agostinho sobre o pecado, pois o apego ao poder é uma demonstração clara do orgulho. A ideia de ter o poder dá ao homem um senso de liberdade. No entanto, o homem, desde que foi concebido por Deus, era livre, tanto é verdade que, ao comer do fruto, demonstrou claramente sua liberdade, mas, em contrapartida, violou a moral divina. A aliança de Deus com Adão estabeleceu uma condição, não comer do fruto, todavia, o homem usou de sua liberdade não para manter sua relação com Deus, mas para fazer sua vontade egoísta.

A experiência pessoal de Agostinho com relação ao pecado influenciará diretamente na sua concepção a respeito do tema. Outro fator importante para o desenvolvimento da doutrina do pecado original em Agostinho foi resultado de sua batalha travada contra os ensinamentos de Pelágio, pois este

Não acreditava que as crianças nasciam responsáveis diante de Deus por causa do pecado de seu ancestral, Adão. Em seu livro *Do livre-arbítrio*, escreveu que “o mal não nasce conosco e somos procriados sem culpa”. Acreditava, sim, que todos nascemos em um mundo corrompido pelo pecado e que tendemos a pecar por causa dos maus exemplos de nossos pais e amigos (OLSON, 2001, p. 273).

A teologia pelagiana era considerada por Agostinho como uma forte demonstração de orgulho, pois reiteradas vezes, em sua obra *Confissões*, Agostinho se coloca como um pecador inveterado desde os primeiros momentos de sua vida, e quanto mais cedo o homem reconhece sua pecaminosidade, mais cedo escolherá trilhar pelo caminho da santificação. Observamos que Pelágio considera o fato de o homem nascer num mundo corrompido é que o torna pecador. Pelágio, com esta afirmação, nega a natureza pecaminosa do homem, ou seja, para ele, o problema não está no indivíduo, mas no mundo que este indivíduo encontra ao nascer. Nesse sentido, não pode ser atribuída nenhuma culpa ou maldade numa criança. A maldade resulta de sua convivência com seus semelhantes, pois, de certa forma, aprende com eles a praticar aquilo que é considerado imoral por parte de Deus.

De acordo com Erickson (1997, p. 265-266),

Pelágio era moralista: sua preocupação principal era que as pessoas vivessem de modo bom e decente. Parecia-lhe que uma concepção indevidamente negativa da natureza humana estava exercendo uma influência infeliz sobre o comportamento humano. Ligada a uma ênfase na soberania de Deus, o valor dado à pecaminosidade do homem parecia remover toda motivação para desenvolver um esforço para viver de modo bom.

Em certo sentido, Pelágio acreditava que, se assim fosse, logo o homem não teria responsabilidade sobre seus pecados. Sua ênfase recai sobre a capacidade humana de alcançar a salvação por seus esforços. Nesse sentido,

Para anular essas tendências, Pelágio deu grande destaque à ideia de livre arbítrio. Diferentemente de outras criaturas, os homens foram criados livres das influências que controlam o universo. E mais, são livres de toda e qualquer influência determinista que provenha da queda. Apagando-se uma concepção criacionista da origem da alma, Pelágio afirmava que a alma, criada por Deus especialmente para cada pessoa, não

é maculada por nenhuma suposta corrupção ou culpa. A influência, caso exista, do pecado de Adão sobre seus descendentes é apenas o de mau exemplo. Afora isso, não há relação direta entre o pecado de Adão e o restante da raça humana (ERICKSON, 1997, p. 266).

Para Agostinho, o homem é totalmente pecaminoso e é culpado desde a sua concepção, pois, a partir do pecado de Adão, todos são pecadores nele. Este pensamento pode ser resumido nas próprias palavras de Agostinho,

Logo, depois do pecado, ele [Adão] foi levado ao exílio e por causa do pecado, toda a raça a qual ele deu origem foi corrompida nele e, assim, submetida à pena de morte. E tanto é assim que todos os descendentes de sua união com a mulher que o levou ao pecado, que foram condenados ao mesmo tempo com ele – por serem produtos da concupiscência carnal na qual o mesmo castigo da desobediência se inflige –, foram maculados pelo pecado original e levados depois de muitos erros e sofrimentos até o derradeiro e eterno castigo que sofrem em comum com os anjos pecadores, seus corruptores, senhores e co-participantes da condenação. (AGOSTINHO 26 apud OLSON, 2001, p. 275).

Esta declaração de Agostinho foi tomada por alguns teólogos da Igreja para dar subsídio sobre a ideia de que a relação sexual entre o homem e a mulher foi resultado do pecado original. Tal ideia não possui nenhum respaldo bíblico, pois Deus criou o homem e a mulher para procriar e encher a terra. O sexo é tido por Agostinho como a satisfação da concupiscência carnal, ou seja, cumpre apenas um propósito egoísta. Sendo assim, a descendência de Adão carregava o seu pecado porque é resultado de uma relação sexual, que em última instância, é carnal, no sentido de ser pecaminosa.

Segundo Roger Olson (2001, p. 276), “A doutrina do pecado original ensinada por Agostinho pode ser apropriadamente considerada ‘identidade seminal’ entre o ser humano e seu ancestral Adão”. Isso quer dizer que, se somos descendentes físicos de Adão, carregamos suas características mais profundas em nosso DNA. O DNA é o composto orgânico cujas moléculas contêm as instruções genéticas que coordenam o desenvolvimento e funcionamento de todos os seres vivos. Observe que se o pecado é passado por meio da constituição genética, logo é questionável sua raiz ontológica. Esta ideia de que seminalmente somos corrompidos contraria diretamente a ideia de Kierkegaard, de que o problema do pecado hereditário é espiritual. É possível que Agostinho esteja neste texto defendendo a ideia de que herdamos apenas características genéticas de Adão e não a culpa.

No que diz respeito à hereditariedade do pecado de Adão, Agostinho defende que a concupiscência é o sinal evidente, pois conforme Maldamé (2013, p. 71), “A resposta de Agostinho aponta para a concupiscência. [...] Para Agostinho, o ‘ato da carne’ provoca o descontrole de si, e é porque os filhos são concebidos nessa paixão humilhante que se transmite o pecado”. Eva sucumbiu à tentação no Éden porque queria satisfazer sua concupiscência, ou seja, aquilo que vai além de sua necessidade. O desejo pelo fruto consistia em atender uma curiosidade pelo proibido.

Agostinho (2007 apud FERREIRA, 2007, p. 159) escreve ainda que “A concupiscência permanece na prole e a faz adquirir o reato do pecado de origem, ainda que o reato do mesmo pecado nos pais tenha sido purificado pela remissão dos pecados”. Para Agostinho, o homem nasce na condição de réu e, portanto, nascido nesta condição, é passível de punição. O indivíduo tem a obrigação de cumprir uma penitência imposta pelo confessor, nesse sentido, a ideia agostiniana sustentava o sacramento da confissão, considerando esta uma ação necessária para

a obtenção do pecado. Todavia, vale ressaltar que, mesmo confessando e cumprindo com as penitências, o homem carrega consigo ainda as fraquezas decorrentes da presença do pecado em sua vida.

O pecado, em última instância, afastará completamente o homem de Deus. Agostinho entende que a consequência última do pecado original é levar o homem para o inferno. Nesse sentido, ele escreve

Eis que em Roma sou acolhido pelo flagelo da doença. Já ia descer ao inferno, levando comigo todas as faltas que tinha cometido contra vós, contra mim e contra os outros. Eram elas numerosas e pesavam sobre a cadeia do pecado original, pelo qual todos morremos em Adão (AGOSTINHO, 2000, p. 134).

Observe que a experiência de Agostinho frente à possibilidade da morte foi fator determinante para sua conversão. O que fica claro na teologia agostiniana é que, como descendentes de Adão, temos como herança sua natureza pecaminosa, que precisa recorrer a Cristo para obtermos redenção. Contrapõe a ideia pelagiana dizendo que no homem não habita bem algum, sendo este incapaz de realizar qualquer ato de justiça que o torne aceitável a Deus.

A herança pecaminosa que recebemos de Adão é a causa da desgraça do ser humano, pois pela presença do pecado o homem age por orgulho e ignora por completo as advertências de Deus com relação à necessidade de obediência à lei divina. Além de sofrer consequências imediatas em decorrência de seu pecado, a mais terrível das punições o aguarda, pois a prática do pecado levará o homem a uma eternidade longe de Deus.

Tomás de Aquino: o representante da ideia escolástica do pecado hereditário

O escolasticismo foi a tentativa de unir a fé e a razão em busca de respostas para as difíceis questões que permeavam tanto a teologia quanto a filosofia. Tomás de Aquino parte da filosofia aristotélica na busca por soluções para as questões que tanto incomodavam a Igreja da Idade Média.

O pecado hereditário no pensamento escolástico é assim entendido: “Toda raça humana estava seminalmente presente em Adão, e, portanto, também pecou nele. Sua desobediência foi desobediência da raça humana inteira. Ao mesmo tempo, a geração era considerada a condição *sine qua non* da transmissão da natureza pecaminosa”. (BERKHOF, 2002, p. 222). A ideia de pecado original na escolástica segue a linha de raciocínio de Agostinho.

O expoente de maior expressão na escolástica é São Tomás de Aquino. À semelhança de Agostinho, Tomás de Aquino também considerava que a essência do pecado é o orgulho (STRONG, 2003). Para Aquino, o ser humano, quando se comporta como sendo autossuficiente, demonstra claramente a herança de Adão, pois, ao comer do fruto, o primeiro homem quis dizer que podia determinar seu próprio destino sem a necessidade de uma intervenção de Deus ou seguir as ordens estabelecidas. Tal atitude afastou Adão de Deus e continua a afastar os homens de seu criador, pois se comportam como se estivessem acima do bem e do mal.

Aquino entendia que Adão era o patriarca da humanidade e seu estado pré-queda era de perfeição e plena comunhão com o Criador e com as coisas criadas. Tal ideia está muito clara em seus escritos, onde enxerga Adão como o exemplo de perfeição daquilo que fora criado. De acordo com São Tomás,

Pela ordem natural, o perfeito precede o imperfeito, como o ato precede a potência, porque o que está em potência não passa ao ato senão por um ente que está em ato. E, como as coisas foram instituídas por Deus, na origem, não só para que existissem

em si, mas também para que fossem princípios de outras, por isso foram criadas no estado perfeito, no qual podiam ser princípios de outras coisas. Ora, o homem pode ser princípio de outro, não somente por geração corporal, mas também por instrução e por governo. Por essa razão, como o primeiro homem foi criado em estado perfeito quanto ao corpo, de modo a poder logo gerar, assim também foi instituído em estado perfeito quanto à alma, de modo a poder logo instruir e governar os outros. Ninguém pode instruir se não tem a ciência. Por isso, o primeiro homem foi instituído por Deus de tal maneira que tivesse a ciência de todas as coisas nas quais o homem deveria ser instruído, a saber, tudo o que é virtualmente contido nos primeiros princípios evidentes por si, isto é, tudo o que o homem pode naturalmente conhecer. Por outro lado, para governar sua vida pessoal e a dos outros, precisa conhecer não só o que pode ser conhecido naturalmente, mas também as coisas que transcendem o conhecimento natural, uma vez que a vida do homem está destinada à vida sobrenatural. Assim, para o governo de nossa vida é necessário conhecer as coisas da fé. Por isso, em matéria de sobrenatural, o primeiro homem recebeu todo o conhecimento necessário para o governo da vida humana adequado a esse estado. (*Suma Teológica* I, q. 94, a. 3 apud MALDAMÉ, 2013, p. 77).

Nesta ideia de Aquino, há uma referência direta à ideia de Aristóteles sobre o ato e potência. Em ato, o homem era a imagem do criador, uma criatura perfeita. No entanto, essa perfeição foi perdida no momento em que o desejo do homem o colocou em movimento na direção da desobediência a uma ordem divina que matinha a criação em perfeita harmonia.

Adão era o princípio de outros homens não apenas em seu aspecto físico, mas, sobretudo em seu aspecto espiritual. Nesse sentido, quando sua descendência herda as características físicas, herda também suas características espirituais. O pecado de Adão não apenas afetou o aspecto físico, permitindo que a morte biológica entrasse no mundo, mas afetou sua imagem espiritual, que, agora, como consequência, ficou destituída da glória de Deus, que conferia ao homem um estado pleno de perfeição. Ao lançar mão da ideia de ato e potência da filosofia aristotélica, Aquino está tentando explicar por meio de um apelo à razão, o fato de que o mundo está carregado de um problema que tem sua origem no mundo espiritual, do qual Adão era nosso representante perfeito, mas que, com a queda, fez com que a imperfeição adentrasse no mundo.

Sendo, pois, patriarca da humanidade, seu estado de perfeição seria passado a todos os seus descendentes, todavia o mesmo aconteceu com relação ao pecado, pois o pecado de Adão foi potencializado em seus descendentes culminando com a pecaminosidade humana e seu estado progressivo de degradação moral, até que, por Cristo, fosse feita justiça por nós, como está escrito em Romanos 5. 18-19. Sobre esta herança pecaminosa, Tomás de Aquino escreveu em sua *Suma Teológica* (2014 apud SANDOYA, s.d., s.p.) que “Todos os homens, nascidos de Adão, podem ser considerados como um único ser enquanto estão reunidos na natureza que receberam do progenitor”. Nesse sentido, ao estudar sobre o pecado, é necessário que se parta de Adão, pois ele consiste no fator indispensável para compreendermos a pecaminosidade humana. Adão é a chave para compreendermos a pecaminosidade humana, assim como Jesus Cristo é a chave para compreendermos a misericórdia divina.

O pecado de Adão, como já vimos, não ficou restrito a um castigo aplicado a Adão, seu alcance é muito vasto e atinge todos os seus descendentes. Na visão de Aquino, o pecado de Adão infectou as gerações posteriores assim como uma doença corporal. Sobre isso Aquino, escreveu que,

Assim como a doença corporal é uma privação, enquanto suprime o equilíbrio da saúde e tem algo de positivo, a saber, os humores dispostos desordenadamente, assim também o pecado original comporta a privação da justiça original e com ela a disposi-

ção desordenada das partes da alma. Esse pecado, portanto, não é pura privação, mas *habitus* corrompido. (*Suma Teológica*, III, 82, a.1 apud MALDAMÉ, 2013, p. 79).

Aquino entende que o pecado corrompe nossos hábitos e gera um desequilíbrio em nossa vida espiritual à semelhança dos efeitos causados por uma determinada doença no corpo humano, mas, neste caso, é a natureza humana que está doente pela presença do pecado. Nesse sentido, nossos procedimentos e escolhas estão moralmente corrompidos, pois seguem a ordem daquilo que está estabelecido em nossa natureza. Sendo o pecado algo que está presente em nossa natureza humana, o pecado original, neste sentido, não é pessoal, pois se descendemos de Adão e herdamos sua natureza, não há como fugir dos desejos pecaminosos que transgridem a vontade de Deus.

Na visão de Aquino, nosso espiritual se encontra em uma tremenda confusão, pois muitas pessoas tentam seguidamente vencer o pecado que lhes assalta a alma por meio das tentações diárias. No entanto, por mais que muitos se esforçam para vencê-lo, não conseguem. Sendo o pecado uma doença da alma que gera confusão de ordem espiritual, somente o poder da redenção de Cristo é que poderá reordenar as coisas trazendo harmonia espiritual para aqueles que buscam a cura da alma.

Se o pecado foi pecado de Adão e nós o herdamos por sermos descendentes dele, não podemos fugir da difícil questão sobre: qual a responsabilidade do sujeito com relação ao pecado? A resposta nos é dada nos seguintes termos:

O pecado original não é cometido pessoalmente, mas pessoalmente contraído, por causa do querer viver segundo a humanidade recebida de Adão. [...] Na explicação da natureza do pecado original Tomás de Aquino trabalha com a noção de *habitus*, do ver *habere*, “ter”. Adquire-se um *habitus* pela educação, pelo trabalho, pela força de vontade e, às vezes, por um único ato mais decisivo; numa palavra, por tudo quanto molde uma pessoa, dando-lhe personalidade e caráter. (MALDAMÉ, 2013, p. 79).

Podemos observar que Aquino procura dar uma resposta mais racional para o problema do pecado, saindo da discussão entre Pelágio e Agostinho. A formação humana, sua educação e ambiente na qual vive o indivíduo influenciará diretamente sobre suas escolhas, tendo em vista que este tende a escolhas pecaminosas devido à natureza adâmica. Devido a isso, o homem deve recorrer à graça de Cristo para vencer o pecado que habita em si. Precisamos atentar para o sentido da palavra ‘*habitus*’ utilizada por Aquino, pois ela se refere a um comportamento geralmente inconsciente por parte do indivíduo. O que podemos compreender a partir da citação acima é que o hábito é contraído, ou seja, é resultante do contexto em que o indivíduo está inserido. Aquelas pessoas que nascem em um contexto harmonioso, honrado e honesto desenvolverão hábitos de acordo com estes princípios. Todavia, sabemos que isso não é regra, pois muitas pessoas nascem em um lar estruturado, são criados em um ambiente espiritual harmonioso, no entanto, num determinado momento da vida, escolhem trilhar caminhos bem distantes da prática virtuosa do bem. Nesse sentido, voltamos novamente à discussão sobre a herança pecaminosa que recebemos de Adão. Esta herança é hábito ou consiste num elemento intrínseco em nossa natureza? Essa é uma questão de difícil resposta.

Considerações finais

Após as pesquisas realizadas, foi possível perceber a maneira singular como cada um dos pensadores aborda a temática. Agostino defende que a essência da pecaminosidade humana é o orgulho. Nesse sentido, é necessário que o homem reconheça sua condição de pecador e reconheça que a graça de Jesus Cristo é único remédio para salvá-lo dessa condição. Na condição

de pecador, não é capaz de superar essa condição, ele precisa entregar-se aos cuidados de Cristo para ser curado dessa doença espiritual denominada de pecado.

Tomás de Aquino segue a linha de interpretação agostiniana em relação aos principais aspectos do pecado hereditário quando considera que o orgulho é essencialmente o elemento do pecado hereditário, pois o orgulho é o motivo da rebelião que é pecado. No entanto, ele lança mão do conceito de ato e potência aristotélico para explicar a relação da criatura com o Criador. Pelo fato de Adão ser o patriarca da humanidade, seu pecado se tornou conseqüentemente o pecado de todos os seus descendentes.

Ao comparar essas duas visões do pecado hereditário, é possível perceber que o principal elemento de concordância entre ambos os pensadores é que o pecado de Adão foi responsável pelo rompimento da relação harmoniosa que o homem desfrutava com Deus. Em decorrência disso, Cristo se tornou o mediador para reestabelecer essa relação e proporcionar que o homem tenha paz com Deus.

Referências

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

ERICKSON, Millard J. **Introdução à teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

FERREIRA, Franklin. **Agostinho de A a Z**. São Paulo: Editora Vida, 2007.

MALDAMÉ, Jean-Michel. **O pecado original: fé cristã, mito e metafísica**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

OLSON, Roger E. **História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas**. São Paulo: Editora Vida, 2001.

RICOEUR, Paul. **O Pecado Original: estudo de significação**. Covilhã: LusoSofia press, 2008.

SANDOYA, Julio N. **A verdade sobre a doutrina do pecado original**. Disponível em: <<http://povoadvento.wordpress.com/2011/10/26/a-verdade-sobre-a-doutrina-do-pecado-original/>>. Acesso em: 19 ago. 2014.

STRONG, Augustus H. **Teologia sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2003.

Artigo recebido em 15/06/16. Aceito em 18/08/16.